



AVALIAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA PRÁTICA DESAFIADORA

Reijane Maria de Freitas Soares
Maria Noraneide Rodrigues Nascimento
Norma Patrícia Lopes Soares

Resumo: Neste trabalho apresentamos considerações sobre a avaliação em tempos de pandemia do COVID-19. O objetivo do estudo foi identificar de que forma os professores avaliaram seus alunos; como os alunos e seus responsáveis reagiram a essa nova proposta avaliativa, pois partimos do pressuposto que os modos de avaliar agora se distinguem dos convencionais. A pesquisa é de abordagem qualitativa, de natureza narrativa e descritiva. Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica associada a uma pesquisa de campo, realizada através da aplicação de questionários enviados virtualmente, por meio do *software WhatsApp*. Como sujeitos da investigação foram ouvidos quatro (4) professores, quatro (4) alunos e quatro (4) pais/responsáveis de alunos regularmente matriculados em duas escolas da cidade de Teresina (PI), sendo uma da rede particular e outra da rede pública municipal. A escolha dos sujeitos ocorreu por sermos professoras de Estágio Supervisionado e, portanto, termos acesso às instituições, bem como aos sujeitos investigados, os quais propiciaram o acesso aos pais/responsáveis. Para análise e interpretação dos dados, recorreremos a teóricos como: Hoffmann (2017), Chagas (2020), Perrenoud (1999), Haydt (2004). Esses autores contribuíram com os conceitos de avaliação. Enquanto Bardin (2011) deu suporte com a teoria de Análise de Conteúdo para que pudéssemos dialogar com os relatos obtidos na investigação. O resultado deste estudo nos permitiu constatar como a educação é retratada pelo atual cenário social, como os professores estão adaptando os meios educativos disponíveis, bem como a postura tomada pelos responsáveis e alunos diretamente vinculados à atual proposta avaliativa.

Palavras-chave: Métodos avaliativos; Pandemia; Ensino remoto.



Abstract: In this work we present considerations on assessment in times of the COVID-19 pandemic. The objective of the study was to identify how teachers evaluated their students; how students and their guardians reacted to this new evaluation proposal, as we assume that the ways of evaluating are now different from conventional ones. The research has a qualitative approach, narrative and descriptive in nature. Data were collected through bibliographical research associated with field research, carried out through the application of questionnaires sent virtually, through the WhatsApp software. As subjects of the investigation, four (4) teachers, four (4) students and four (4) parents/guardians of students regularly enrolled in two schools in the city of Teresina (PI) were interviewed, one from the private network and the other from the public network. municipal. The subjects were chosen because we are Supervised Internship teachers and, therefore, have access to the institutions, as well as the subjects investigated, which provided access to parents/guardians. To analyze and interpret the data, we turned to theorists such as: Hoffmann (2017), Chagas (2020), Perrenoud (1999), Haydt (2004). These authors contributed to the evaluation concepts. While Bardin (2011) provided support with the Content Analysis theory so that we could dialogue with the reports obtained in the investigation. The result of this study allowed us to see how education is portrayed by the current social scenario, how teachers are adapting the educational means available, as well as the stance taken by those responsible and students directly linked to the current evaluation proposal.

Keywords: Evaluative methods; Pandemic; Remote teaching.



1 INTRODUÇÃO

O período de pandemia ocasionada pelo vírus da Covid-19 (SARS-CoV-2) trouxe uma ressignificação para a educação, desestruturando o sistema de ensino e levando os sujeitos envolvidos a se adaptarem às demandas requeridas pelo processo de isolamento social. O cenário educativo criou novos hábitos, realizando assim, uma rotina inovadora a partir da implantação e, conseqüente, utilização do ensino remoto. Surgiu então, a necessidade de ambientação, tanto por parte da gestão quanto por parte dos professores e alunos, incluindo também, os seus pais/responsáveis.

Devido às normas de distanciamento social requeridas pelo quadro pandêmico em que se encontrava o Brasil desde o primeiro semestre de 2020, decorrente da pandemia da Covid-19 (SARS-CoV-2), o sistema educacional, em geral, teve de ser repensado para o funcionamento remoto. Dessa maneira, as gestões escolares, junto com o corpo docente das diversas instituições de ensino, precisaram adaptar as metodologias de ensino para o espaço virtual. Os quadros e os pincéis cederam espaço aos aparelhos tecnológicos, dependentes das redes de internet, manifestando diversas problemáticas e desafios para os profissionais da área.

Os professores passaram a utilizar as plataformas digitais como maior aliado, a exemplo do *Google Meet*, formulários do *Google*, *YouTube*, *WhatsApp* e outras ferramentas. Sendo assim, foi possível notar novas abordagens, tanto de cunho metodológicas quanto de cunho avaliativas para aferir o rendimento dos alunos.

De acordo com Chagas (2020), o processo avaliativo não se finda na verificação da aprendizagem, seu intuito vai além dos aspectos quantitativos, buscando uma regulação de comportamento e de valores. Em consonância, Haydt (2004, p. 07) argumenta que “o papel da avaliação na identificação do desempenho dos discentes por meio dos erros e acertos, visa determinar se os alunos obtiveram domínio de uma determinada etapa do ensino antes de seguir adiante”. Dessa forma, a avaliação, além de atribuir um valor ao nível de aquisição de conhecimento dos alunos, possibilita também, a reorganização das metodologias de ensino em virtude do rendimento escolar, sendo um regulador de performances educativas.

À vista dessa abstração, pode-se inferir que o distanciamento literal interferiu, de maneira pungente, na avaliação dos discentes, dando tonicidade a um aspecto avaliativo desafiador, devido ao caráter ainda bastante abstrato das teorias a respeito do funcionamento da mente humana, sobretudo para



os profissionais da educação não familiarizados com elas. Por conta disso, percebe-se que essa modalidade de ensino contemporânea demanda, entre muitas coisas, uma verificação mais recorrente da aprendizagem.

Por conseguinte, nota-se a articulação e sobrepujamento das barreiras expostas até o momento, no que se refere ao âmbito pedagógico: o manejo dos recursos tecnológicos imprescindíveis nesse contexto, por docentes e discentes, e o desenvolvimento de estratégias que reforcem a verificação do desempenho do alunado, adequadas e requeridas no ensino remoto.

Além da desigualdade no acesso aos instrumentos digitais necessários para o exercício do ensino remoto, os docentes se depararam com os embaraços provocados pela migração repentina de uma interação presencial nas salas de aula para um plano virtual, dependente do domínio dos dispositivos tecnológicos por ambas as partes, aluno e professor. Além disso, o afastamento do plano escolar físico acentuou um dos grandes obstáculos para uma prática avaliativa formativa, a qual, segundo Perrenoud (1999, p. 83),

Para a maioria dos professores, a mente do aluno permanece uma caixa preta, na medida que o que aí se passa não é diretamente observável. [...] nem todo funcionamento se traduz em condutas observáveis e porque a interpretação destas últimas mobiliza uma teoria inacabada da mente e do pensamento, das representações, do processo de assimilação e de acomodação, de diferenciação, de construção e de equilíbrio de estruturas cognitivas.

A partir do exposto, precisamos pensar na educação através de ensino remoto, devemos levar em consideração as particularidades daqueles estudantes que não conseguem ter acesso aos meios digitais, o que impossibilita a realização das aulas virtuais com todos os alunos incluídos nessa proposta. Assim, carecemos levar em consideração também, o desafio que é os professores avaliarem seus alunos nessa nova realidade.

Conforme Hoffmann (2017), para que se construa o significado da ação avaliativa, é necessário revitalizá-la no dinamismo que encerra de ação-reflexão-ação no dia a dia das salas de aula. Ou seja, uma análise para encontrar os rendimentos de cada aluno no seu processo de aprendizagem não é uma tarefa fácil no ensino presencial e podemos afirmar que no ensino remoto se torna urgente e necessário.

Refletindo sobre o ensino no período remoto e, de modo específico, nas formas de avaliações que são exercidas nas escolas, estabelecemos como



problema de pesquisa: como estão sendo feitas as avaliações no ensino remoto? A partir desse questionamento, definimos como objetivo da investigação: identificar as formas de avaliação estabelecidas pelos professores; relatar como os alunos e os pais/responsáveis reagiram à nova proposta avaliativa; e apresentar as propostas apontadas pelos sujeitos quanto ao tema investigado, pois partimos do pressuposto que os modos de avaliar remotamente se distinguem dos presenciais.

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa, de natureza narrativa e descritiva. Os dados foram coletados por meio de uma pesquisa de campo realizada através aplicação de um questionário, enviado virtualmente pelo *software WhatsApp*. Como sujeitos da investigação, foram ouvidos quatro (4) professores, quatro (4) alunos e quatro (4) pais/responsáveis desses alunos, matriculados regularmente em duas escolas da cidade de Teresina (PI), sendo uma da rede particular e outra da rede pública municipal. Por questões éticas, os sujeitos não são identificados pelos seus nomes próprios e sim por codinomes de flores, assim temos os professores (Almíscar, Begônia, Camélia e Dália); os alunos (Alabastro, Bromélia, Cacto e Damiana); e os pais/responsável (Alfazema, Bulgari, Camomila e Dormideira).

O interesse da investigação surgiu da necessidade de sermos professoras da disciplina ‘Avaliação da Aprendizagem’ e precisávamos conhecer a realidade do processo avaliativo nas escolas de Teresina (PI) no período da pandemia.

A escolha dos sujeitos ocorreu por sermos também, professoras de ‘Estágio Supervisionado’ e, portanto, termos acesso às instituições, bem como aos sujeitos investigados, os quais propiciaram o acesso aos pais/responsáveis.

Para análise e interpretação dos dados recorreremos a teóricos como: Hoffmann (2017), Chagas (2020), Perrenoud (1999) e Haydt (2004). Esses autores contribuíram com os conceitos de avaliação. Ademais, Bardin (2011) deu suporte com a abordagem da Análise de Conteúdo para que pudéssemos dialogar com os relatos obtidos na investigação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas obtidas a partir dos questionamentos estão divididas em três (3) categorias, de acordo com a função escolar.



3.1 Docentes

Indagados sobre a concepção de avaliação, Almíscar e Begônia, responderam que avaliação é uma análise da “entrega” do aluno, ou seja, o comprometimento, que vai desde a participação nas aulas até a entrega das atividades no prazo estabelecido. Camélia assim se manifestou: “Trata-se de um momento essencial no processo de ensino-aprendizagem para que sejam analisadas, por meio dos dados retornados pelo aluno após exposição dos conteúdos trabalhados, as potencialidades das estratégias adotadas”. Enquanto Dália assim se posicionou: “É uma necessidade, qualquer modalidade apresenta vantagens e desvantagens, porém faz-se necessário que se possa constatar se os objetivos de aprendizagem foram atingidos”.

A partir das falas dos participantes da pesquisa é visível que alguns professores precisam se aprofundar no conceito de avaliação, para depois adquirirem uma concepção que ultrapasse o nível do senso comum, pois se assim permanecerem estarão interferindo de forma não satisfatória do desenvolvimento dos alunos. Essa inferência, fazemos a partir da compreensão de que avaliar é um processo contínuo, que não se finda na verificação da aprendizagem, seu intuito vai além dos aspectos quantitativos, buscando uma regulação de comportamento e valores (Chagas, 2020).

Sobre como está sendo feito o processo avaliativo, Almíscar utiliza questionários (simulados) *on-line* e também, atividades assíncronas, por meio das quais são atribuídas as notas bimestrais dos alunos para ajudar com a média, pois segundo ele, “entende que é um momento difícil pra todos”. Begônia respondeu que são realizadas atividades mensais que valem pontos, além de provas bimestrais *on line* por meio de Documentos do *Google* e para os alunos que não têm acesso à internet, as atividades e provas são entregues na escola, o aluno leva para casa e devolve no dia seguinte. Camélia afirma que avalia “por meio da participação (assiduidade, por atividade, senso de cooperação) nos grupos virtuais, nas aulas remotas, além das entregas de atividades digitalizadas e testes virtuais”. E Dália diz utilizar “avaliações remotas, feitas na modalidade ‘objetiva’ ou ‘discursiva’”.

Com base no exposto, constatamos pouca variabilidade no modo de avaliar os alunos, apenas transferiram para a forma remota *on-line*, o que é feito no presencial. Com relação aos instrumentos avaliativos utilizados no período pandêmico, Almíscar usa as notas de todos os questionários e atividades, assim também como a presença nas aulas síncronas. Begônia avalia pela entrega das atividades e provas. Camélia diz que recorre a arquivos



digitalizados, Plataformas como o Mobieduca para aplicação de testes virtuais, *Google Meet e WhatsApp*. Dália afirma que “basicamente as avaliações remotas, visto o modo remoto, ou mesmo híbrido dificulta outras formas de avaliação”.

Aqui foram listados outros instrumentos, como Plataforma Mobieduca, *Google Meet e WhatsApp*, porém, o modo de utilização não alterou as propostas do modelo presencial. Os participantes também indicaram o descontentamento com os métodos de avaliação que estão sendo utilizados no ensino remoto, mas admitem que como é a única opção viável no momento, portanto, tem que ser feito.

Ao serem questionados sobre como está sendo trabalhada a questão do “erro”, Almíscar e Begônia explicaram que fazem a correção das questões das atividades e avaliações junto com a turma. Begônia complementa que para os alunos que não têm o acesso à internet, é entregue a prova comentada, caso tenha questão com erro. Camélia comenta que, “particularmente, trabalho o ‘erro’ como uma maneira de aprendizagem, e não diferentemente do ensino presencial, os erros nesse momento de pandemia são evidenciados para que sejam trabalhados e utilizados para fortalecer o processo de ensino-aprendizagem”. Dália informa que “a correção da avaliação é feita também em uma plataforma própria da instituição, na qual, quando necessário, o erro é assinalado e observações são feitas para o aluno”.

De acordo com as respostas acima, todos comentam as avaliações e levam os alunos a analisarem suas falhas. Contudo, os professores devem lembrar o que Haydt (2004, p. 07) nos afirma: “o papel da avaliação na identificação do desempenho dos discentes por meio dos erros e acertos, visa determinar se os alunos obtiveram domínio de uma determinada etapa do ensino antes de seguir adiante”. Ou seja, é preciso levar o aluno a se autoavaliar e a perceber que o erro é um processo construtivo do saber.

Quanto à recuperação, Almíscar aplica questões em formato de prova objetiva, parecidas com as que foram aplicadas nas aulas, para verificar se o conteúdo que o aluno estava errando, houve melhoria. Begônia respondeu que são feitas atividades substitutivas, porém, não entrou em detalhes como se caracterizam essas atividades. Camélia diz que a recuperação é feita “por meio de atividades remotas, e seguindo o mesmo padrão de pontuação que vigorava na época do ensino presencial”. Dália afirma que “são feitas recuperações paralelas, também ‘on-line’, com apoio de monitoria e outros profissionais da escola. Uma recuperação paralela para cada avaliação cuja nota não foi satisfatória”.



A partir dos dados obtidos na pesquisa, constatamos que a recuperação dos assuntos nas escolas durante a pandemia foi extremamente comprometida nas escolas públicas, porém, nas privadas o dano foi praticamente nulo quanto ao desenvolvimento das atividades escolares. Além disso, os entrevistados quase que unanimemente apontam que o ensino presencial é essencial, se levadas em consideração as formas em que o ensino remoto está sendo desenvolvido no Brasil.

Os professores que participaram da investigação: Almíscar, Begônia Camélia e Dália, acreditam que para a família tem sido complicado se dedicar quase que em tempo integral para a educação do filho, e que para a escola tem sido um grande desafio abranger todos os alunos dentro do ensino remoto. Begônia aponta ainda, que a escola coopera em tudo que o aluno precisa e diz que têm pais que não comparecem a escola para pegar as atividades, como também os livros, mas que é uma minoria.

O apoio da família durante o período da pandemia foi crucial para a continuidade dos estudos e permanência dos alunos em um novo ambiente, o virtual. Ao tempo em que contribuiu, também trouxe preocupação, pois em muitas famílias a internet foi liberada e os filhos a utilizavam de forma indevida e para outros fins. Outro aspecto comprometedor foi a necessidade de um plano de internet com o uso de dados móveis, o que onerou na renda familiar. Um terceiro aspecto que deixou sequelas foi o pai ter que ser o “professor particular” do seu filho, no entanto, muitos desses pais não dominavam as novas tecnologias e nem os conteúdos transmitidos pelos professores. Todas essas informações levam essas pesquisadoras a indagarem a qualidade do ensino e da avaliação em tempos de pandemia.

Ao serem questionados sobre como seria o processo avaliativo, caso eles pudessem fazer modificações, Almíscar e Begônia responderam que fariam uma prova dividida em dois dias, uma para cada metade da turma, para que cada aluno tivesse uma atenção maior por parte dos professores. Dália diz que:

Ainda é tudo muito novo e repentino, uma opinião é quase unânime, o sistema presencial, com o contato diário entre os ‘atores’ do processo educacional, ainda é essencial [...] No momento, a sistemática de avaliações remotas tem sido a forma prática de avaliação, visto que o aluno está integralmente ausente do ambiente físico da escola, especialmente na rede pública.

Camélia comenta que:



A escola tem como objetivo principal, manter o ensino, e com isto, sempre está disposta a encontrar maneiras que possam culminar no ato avaliativo de todos seus alunos, para que possam ter uma referência de como o ensino nesta época de pandemia está se desenvolvendo. Por isso, constantemente temos reunião internas para discutirmos as maneiras de avaliação que foram adotadas e as novas propostas. [...] Eu utilizaria outras regras de pontuação, onde seria discutido a prova mensal, bimestral e recuperação. Além, tentaria tornar um processo cada vez mais coletivo e cooperativo.

Sobre o aspecto da sugestão docente acerca da avaliação remota, todos concordam que é necessário reduzir o número de alunos a serem avaliados em determinado momento, pois salas numerosas dificultam no presencial e, de modo mais contundente, no remoto.

Levando em consideração as respostas dos professores fica evidente que a novidade que é o ensino remoto, sobrecarregou o professor e o aluno, dependendo da situação, e essa de forma é ainda mais complexa de ser tratada no ensino público, onde não há auxílio dos pais para os estudos.

3.2 Pais/Responsáveis

Questionados sobre o que é avaliação, Alfazema e Bulgari responderam que é um teste para saber se o aluno/filho aprendeu ou não. Camomila, de forma direta, diz que avaliação é “um teste”. Dormideira afirma que “avaliação é uma forma de se constatar qual o nível de aprendizagem que o aluno conseguiu atingir”.

Percebemos uma concepção de avaliação em nível de senso comum, o que é de se esperar por se tratar de pais/responsáveis de alunos de escolas públicas. As respostas mais elaboradas são provenientes dos pais de alunos que frequentam as escolas privadas.

Indagados sobre como tem sido recebida a avaliação pelo seu filho(a), Alfazema e Bulgari responderam que ambos, eles e os filhos preferem presencialmente, pois acham que precisam estudar e se esforçar mais. Camomila diz que “tem sido muito boa, ele tá se esforçando muito mais”. Dormideira fala que a aceitação não está sendo das melhores, eles explicam que a forma presencial é “muito melhor”, pois devem responder “de próprio punho”, registrar em imagem (digitalizar) e enviar.

Um fato curioso se apresenta nesses relatos: o aumento do interesse e esforço por parte dos alunos. Realmente, tal constatação só é possível



pelos pais/responsáveis, uma vez que se trata de um período atípico da educação, a remota. Talvez, a novidade ou o fato de aulas onde o vetor são os celulares, provavelmente, tenha sido o propulsor, visto que lidar com a internet é o forte dessa nova geração.

Quanto às sugestões de modificações, Alfazema afirmou que deveriam fazer as provas de 10 em 10 alunos, monitorados por videochamadas. Já Bulgari e Camomila disseram que não mudariam nada e que essa foi uma boa forma para os alunos não pararem de estudar durante a pandemia. Dormideira comenta que “infelizmente, esse modelo de avaliação é o único viável nesse contexto em que os alunos podem, por opção da família, ficar integralmente em casa, mesmo quando a instituição oferece o sistema híbrido”.

A diminuição da quantidade de alunos com a finalidade de melhor acompanhamento dos alunos é novamente reportada, agora pelos pais/responsáveis.

3.3 Discentes

Ao serem interrogados sobre o conceito de avaliação, Alabastro e Bromélia responderam que é uma forma de avaliar o desempenho deles, de todos os alunos. Alabastro ressalta ainda, que não concorda com os meios de avaliação que a escola adota, pois, muitas vezes, os alunos estudam para a prova e não para aprender o conteúdo. Cacto diz: “pra mim avaliação é a uma forma de testar nosso conhecimento adquirido a cada assunto. Damiana responde que “é uma forma de ver como os alunos estão absorvendo conhecimento”.

Embora numa perspectiva tradicional, mas os alunos compreendem que avaliar implica verificar a aprendizagem. Assim, percebemos que existe uma concepção de avaliação que é difundida na escola, seja de forma direta, seja de forma indireta.

Questionados sobre o que seus pais acham da avaliação usada na escola, Alabastro e Bulgari ressaltam que eles consideram melhor a forma presencial, sem consultas aos materiais e/ou internet e que não concordam com a frequência, já que muitos alunos não assistem as aulas remotas e recebem pontuações semelhantes às de quem assiste. Cacto relata: “Minha mãe, em especial, diz ter gostado porque pode verificar-me, se estou mesmo na aula e não de bobeira na internet”. Damiana afirma que seus pais “acreditam que deixa muito a desejar, mesmo que o ensino remoto não seja o mesmo que o presencial ele ainda tem muito a melhorar”.



Interessante ver como os alunos avaliam a percepção de seus pais sobre o processo avaliativo. Nisso, constatamos que há diálogo sobre a vida escolar, pois há o relato da preferência dos pais/responsáveis.

Indagados sobre o que mudariam na forma de avaliar, Alabastro e Bulgari disseram que dividiriam a turma e fariam a avaliação presencialmente. Cacto relata: “Eu mudaria o fato de algumas aulas não serem no *Meet* ou no *Zoom*, prefiro as aulas *on-line* com os professores(a) dando as explicações e também colocarem alguns simulados a cada duas semanas para que nós estudantes possamos aprender todos os assuntos de forma mais eficaz!!!”. Damiana foi mais pontual falando que: “Melhoraria a qualidade do ensino remoto”.

Vejam que aqui, mais uma vez, se consubstancia a preferência pelo ensino tradicional, com professores ministrando aulas expositivas. Também, novamente a redução do número de alunos por sala é apresentada como fator de melhoria da educação e, conseqüentemente, da avaliação da aprendizagem.

Com base nos relatos dos três segmentos – professores, pais/responsáveis e alunos, como era de se esperar, os professores foram um pouco mais prolixos em relação aos alunos e pais/responsáveis pelos alunos. Mas, percebemos uma coerência nas narrativas dos três grupos, em especial quanto à realidade desafiadora, o envolvimento dos familiares de forma direta no processo educativo, a necessidade de número reduzido de alunos para a aplicação das atividades avaliativas.

Foi possível compreender que todos os participantes da pesquisa estavam empenhados com seu trabalho, que os professores se esforçaram para levar os conteúdos até os alunos de forma que nenhum conhecimento ficasse perdido. Quanto aos pais/responsáveis, eles se desdobraram para acompanhar a aprendizagem de seus filhos e estes se esforçaram para superar os novos desafios. Embora as dificuldades, desde a base, para a oferta do ensino remoto nas instituições públicas tenham sido mais perceptíveis, a escola privada também sofreu para superar os inúmeros desafios que se apresentaram durante a pandemia.

Assim, percebemos uma aproximação ao pensamento de Hoffmann (2017), quando a autora tece sobre o dinamismo que encerra de ação-reflexão-ação no dia a dia das salas de aula; ao pensamento de Perrenoud (1999, p. 83), ao nos lembrar que “a mente do aluno permanece uma caixa preta, na medida em que o que aí se passa não é diretamente observável. [...] nem todo funcionamento se traduz em condutas observáveis”; e as inferências de Haydt (2004), ao argumentar sobre a importância do papel da avaliação na identificação do desempenho dos discentes por meio dos erros e acertos.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração as leituras e os dados obtidos, concluímos que a pandemia afetou não somente a vida dos brasileiros, fazendo-os perder entes queridos, emprego e muito mais, como também uma área muito afetada foi, de fato, a educação. É importante destacar que as escolas privadas sofreram menos em relação às escolas públicas, pois a infraestrutura destas não permite um ensino remoto de qualidade. A realidade nas escolas públicas aponta uma ausência de cerca de 80% dos alunos nas monitorias de ensino e 50% destes mesmos alunos nas aulas remotas, por motivos que se apresentam óbvios, tais como: a pobreza que a família do aluno, provavelmente, já vivia inserido antes da pandemia e só se agravou durante a mesma, e a impossibilidade de alguns de manter a conexão à internet ou de, até mesmo, pagar internet. Outro ponto importante é a falta de cobertura do plano do Governo Federal e dos Governos Estaduais, de distribuir internet gratuita a todos os estudantes do ensino público afetados pela pandemia. A falta de cobertura é também notada em proporções alarmantes no Ensino Superior.

Ao analisar as respostas, torna-se perceptível o impacto da pandemia na vida dos professores. Nisso, destacamos aqui, o peso, não apenas de trabalhar sozinho para tentar “equilibrar o caos” que foi deixado em suas mãos, mas também, de situações onde o responsável pelo aluno não dispunha de tempo algum para o auxílio do filho em suas atividades escolares. Novamente, é necessário apontar outra comparação entre a escola pública e a privada. No ensino privado, os pais pagam preços altos e abusivos para assegurar um ensino de qualidade aos seus filhos, como aulas particulares para que não precisem despende de tempo algum para o auxílio aos filhos em suas atividades. O mesmo não acontece nas escolas públicas, onde pais não despendem de dinheiro, nem de tempo para auxiliar os filhos. Assim, devido às inúmeras circunstâncias de fragilidade social e desigualdade econômica, os alunos das escolas públicas são os mais prejudicados.

A presente investigação, substanciada pelo relato dos sujeitos, nos leva a afirmar que as avaliações, no período remoto, foram feitas através de questionários (simulados) *on-line*, atividades assíncronas, Documentos do *Google* e, para os alunos que não tinham acesso à internet, as atividades e provas eram entregues presencialmente, na escola, o aluno levava para casa e devolvia no dia seguinte. Dessa forma, demonstra-se o objetivo dessa pesquisa, o qual foi saber de que forma os professores estavam avaliando no período pandêmico.



Quanto à reação dos alunos e dos seus responsáveis, estes preferem atividades avaliativas de forma presencial, sem consultas aos materiais e/ou internet e não concordam com a frequência, já que muitos alunos não assistem as aulas remotas e recebem pontuações semelhantes às de quem assiste.

Com relação às sugestões, os três grupos de sujeitos apontam que as atividades avaliativas deveriam ser divididas em dois dias, uma para cada metade da turma, para que cada aluno tivesse uma atenção maior por parte dos professores ou em grupos de dez (10) alunos e sem consultas para verificar se aprenderam realmente o conteúdo ensinado.

Baseado nas respostas adquiridas, constatamos que essa nova realidade prejudicou em todos os aspectos: para os professores, a insegurança de não saber se o aluno está aprendendo ou não; para o aluno, a falta de equipamentos necessários para as aulas; para os responsáveis, que além da rotina de trabalho, também tiveram que lidar com a orientação de estudos dos filhos.

Concluimos que, através da utilização correta dos meios digitais e um planejamento centrado nas necessidades reais dos alunos, é possível alcançar um ensino satisfatório. Logo, a avaliação em todo o contexto educacional é importante, e que, neste ano pandêmico, a comunicação entre a escola e a família foi de extrema necessidade para o ensino e, conseqüentemente, para a avaliação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CHAGAS, Renata. Avaliação da Aprendizagem em Tempos de Aula Remota. *In: Inovatio Educação*. 22 de abril 2020. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Webinar-ANEC-Avalia%C3%A7%C3%A3o-Revis%C3%A3o-1.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

HAYDT, Regina. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 17. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.



PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.